

# SOFIA ENTRE LUZ E TREVAS; MEMÓRIA, EXPERIÊNCIA E INVENÇÃO

Karina Ribeiro YAMAMOTO<sup>1</sup>

## Resumo:

Este artigo busca abordar um olhar de um ser singular que viveu a experiência de participar do III Simpósio Internacional Repensando Mitos Contemporâneos e tenta revisitar algumas questões trazidas e debatidas no decorrer dos encontros como as temáticas: memória, experiência e invenção, em trevas e a luz de alguns autores que lhe são pertinentes como Hannah Arendt, Jorge Larrosa Bondia e Giorgio Agamben.

**Palavras Chaves:** *encontro cênico, contemporâneo, memória, experiência*

## Abstract:

This article seeks to address a look at a singular being who lived the experience of participating in the III Simpósio Internacional Repensando Mitos Contemporâneos and tries to revisit some issues brought and debated during the meetings as the themes: memory, experience and invention, in darkness and the light of some pertinent authors such as Hannah Arendt, Jorge Larrosa Bondia and Giorgio Agamben.

**Keywords:** *scenic meeting, contemporary, memory, experience*

O III Simpósio Internacional Repensando Mitos Contemporâneos teve como temática para o ano de 2019 a imagem mítica de SOFIA, como figuração feminina

<sup>1</sup> Atriz, graduação e mestrado pela USP, Professora do Curso de Licenciatura em Teatro da UFT, Doutoranda do PPG Artes da Cena da UNICAMP.

da sabedoria. Segundo o site do próprio simpósio, pretende colocar em debate os saberes desenvolvidos no campo das artes performativas em relação, em diálogo com outras áreas do conhecimento: “ciência, filosofia e saberes tradicionais”.

Simpósio. Substantivo masculino de origem grega, segunda parte de um banquete ou festim, durante a qual os convidados [homens da aristocracia] bebiam, conversavam, ouviam música e se entregavam a outros divertimentos; ou ainda qualquer reunião social em que se coma, beba e converse (Dicionário Online, 2019).

Atualmente Simpósio é um evento acadêmico que reúne celebridades de uma área (geralmente homens) para debater sobre um assunto específico e normalmente não há comida e nem bebida – com exceção dos intervalos onde acontece um rápido “coffee break”. Ao propor este tema, certamente os organizadores do evento propuseram uma quebra ao significado tradicional de Simpósio que convidava à mesa, a princípio, apenas os aristocratas e atualmente apenas as celebridades acadêmicas. SOFIA – que neste texto será uma personagem, ou várias – convida à mesa os ‘saberes tradicionais’, para comer e beber com os aristocratas, as celebridades acadêmicas, para juntos conversarem sobre o campo das artes performativas. Sofia fica então responsável por mediar este diálogo.

A primeira fala da mesa é dada por Sofia aos saberes tradicionais, que entra em sala disfarçado de celebridade acadêmica. Sofia se pergunta até quando esse saber precisará se apoiar na figura de celebridade para ser ouvido? Ela soube há pouco que a Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG (2019) nomeou com o título de “Notório Saber” - que é equivalente a um doutorado - mestres e mestradas dos saberes tradicionais: indígenas, afro-brasileiros, quilombolas, das culturas populares e de povos tradicionais no Brasil. Este título, segundo o Comitê responsável da UFMG, é também uma forma de reparação histórica, na medida que reafirma o vasto manancial de conhecimentos específicos destes – os saberes tradicionais. Ainda assim, Sofia reflete sobre a necessidade de se dar títulos para aqueles que irão compor a mesa. Não encontra respostas neste momento.

Voltando ao Simpósio, em sua abertura, o saber tradicional indígena vem

representado pela pessoa de Ailton Krenak. Quando pesquisamos sua figura pública encontramos, dentre todas as suas ações, o título de doutor recebido pela Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF. A busca rápida no Google nos mostra sua formação, seus títulos e parece, de certa forma, ocultar suas ações. Os títulos continuam a valer mais do que as ações. Krenak fala sobre isso em sua palestra, sobre como os títulos sociais deliberam possibilidade de exercer poder sobre o outro e limitar e/ou praticamente extinguir suas ações. Silenciar. Transformar em inexistente. Fala sobre como a população indígena brasileira está perdendo sua identidade. Sobre como gostaria de sentir saudades. Sobre como não se pode ter saudades de um povo que foi esquecido.

Saudades. Palavra que denota intensa vontade de rever algo ou alguém que está na memória. Memória. Lembrança de algo ou de alguém; Recordação de fatos pela ideia de; objetos criados para não se esquecer de; arquivos; museu; a memória do computador; a memória daqueles que já se foram; Perda da memória. Esquecimento. Vazio.

A primeira mesa chamava-se "Memória". Foi composta por mulheres célebres: Margareth Rago, Stella Fischer com mediação de Verônica Fabrini, professoras do magistério superior, e apresentou como inquietação para o debate a seguinte questão:

Abordagens dos processos artísticos e seu poder de mobilização e recriação das nossas memórias pessoais e coletivas. Como, através da arte nos defrontamos com recordações, marcas, traumas e zonas obscuras da nossa experiência social e subjetiva? Discussão de estratégia e dispositivos artísticos que trazem à tona potenciais humanos escondidos, esquecidos e atrofiados, reconfigurando nossa experiência e nosso sentido de identidade e ancestralidade.

As convidadas – todas com nomes compostos por algum estrangeirismo – relataram experiências vividas com grupos de mulheres, narraram acontecimentos que se transformaram em criações artísticas como livro, performances, intervenções, espetáculos. Margareth durante sua narrativa sobre as mulheres

trabalhadoras do sexo conta que essas sentiram-se honradas em ter um livro que contasse a história delas, pois: “Fazer parte da história é tornar-se cidadão”. Esta fala remeteu Sofia à noite anterior, quando Krenak, ironizando o processo colonizador fala sobre o genocídio dos povos indígenas no Brasil e talvez a sua extinção, que ainda não ocorreu, mas que, no entanto, como não existe história indígena sendo contada e nem escrita, como são povos periféricos e que não possuem direitos adquiridos exercidos na sociedade “soberana”<sup>2</sup> brasileira, então, neste sentido, os indígenas realmente nunca foram cidadãos. Memória. Esquecimento. Vazio.

Talvez por este motivo Stela tenha se empenhado em explicar as “sofias” presentes, tanto na mesa de debate, quanto em sua oficina sobre o processo colonialista, sobre o colonialismo ocorrido aqui; sobre a colonialidade que adentra nossos cotidianos sem serem percebidos:

A COLONIALIDADE É UM DOS ELEMENTOS constitutivos e específicos do padrão mundial de poder capitalista. Sustenta-se na imposição de uma classificação racial/ética da população do mundo como pedra angular do referido padrão de poder e opera em cada um dos planos, meios e dimensões materiais e subjetivos, da existência social cotidiana e da escala societal. Origina-se e mundializa-se a partir da América. Anibal QUIJANO (2010, p.85).

Stela detalha sobre como não existe pos-colonialismo no Brasil, pois continuamos colonizados e muito menos pós-colonialidade, já que esta, como explica Quijano, está intrinsecamente ligada ao capitalismo e à existência social. Explica que a decolonialidade tenta diminuir o que o colonialismo e a colonialidade exprimem atualmente e que des-colonialidade trata-se de um processo inoperante, pois ainda não foi descoberta uma forma de descolar a colonização e a colonialidade operante.

Sofia percebe que falar sobre memória é também uma forma de dissertar

---

<sup>2</sup> Esta palavra remete ao uso feito pelo atual presidente do Brasil, que recentemente fez a abertura do Congresso das Nações Unidas – ONU.

sobre as narrativas dadas, descrever em palavras o que alguns mostraram em forma de cena. Que em alguns casos se recriam em performatividade cênica e que são, no simpósio, recontadas, reescritas, relidas. Ganham nova forma, nova vida, um processo de natalidade para as minorias que estavam mortas, natalidade como proposta por Hannah Arendt (2019, p.219):

É com palavras e atos que nos inserimos no mundo humano, e essa inserção é como um segundo nascimento, no qual confirmamos e assumimos o fato simples do nosso aparecimento físico original. Não nos é imposta pela necessidade, como o labor, nem desencadeada pela utilidade como trabalho. Ela pode ser estimulada pela presença de outros a cuja companhia possamos desejar e nos juntar, mas nunca é condicionada por eles; seus impulsos surgem do começo que veio ao mundo quando nascemos e ao qual respondemos quando começamos algo novo por nossa própria iniciativa, iniciar, imprimir movimento a alguma coisa. Por constituírem um 'initium', por serem recém-chegados e iniciadores em virtude do fato de terem nascido, os homens tomam iniciativas, são impelidos a agir.

Neste sentido, Sofia começa a perceber que por trás dos discursos que são proferidos por aquelas mulheres célebres que sentaram à mesa, por aquele saber ancestral que abriu o jantar existe uma ação, que o Simpósio em si, em sua maneira de espalhar os pratos e talheres para aqueles que ali comeriam têm em si uma ação repleta de discurso. Ao levantar uma taça, um garfo, cada um desses convidados – que não podem ser aristocratas ainda que componham o campo da ciência e da filosofia atualmente – carregam em sua ação algo novo.

Como o que está sendo proposto por Anamaria Fernandes, professora da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, na forma de espetáculo de dança. Ele convida o público a assistir um espetáculo onde não se pode ver o que é apresentado, onde a plateia permanece todo o tempo de olhos vendados. Propõe abertura de captação sensória e sensitiva por canais que não sejam visuais. Muito semelhante à proposta do Grupo Sensus<sup>3</sup> o qual esta autora compôs nos anos

3 Sobre Grupo Sensus e a Performance Sensorial: <https://www.youtube.com/watch?v=RlK7c2kep5I>

de 2006 e 2007, durante a feitura e realização da “Performance Sensorial”, onde o público também permanecia vendado durante todo o espetáculo. Propostas assim obrigam-nos a adentrar outros espaços, sair do que nos deixa em conforto. Seria como se Sofia vendasse os olhos dos convidados e pedisse que celebrassem e dialogassem sem apoio da visão. Isso possibilitaria que os convidados se permitissem saborear cada alimento ingerido, abrir a escuta e realmente ouvir, além da própria voz, a dos outros convidados que ali estão. Seria então esta experiência válida enquanto produção intelectual? Neste sentido, propor e viver tal experiência se compara a escrita de um texto científico? Ou ainda, tal experiência teria o mesmo valor que um texto escrito, um artigo ou um livro, publicados?

Experiência. Substantivo feminino. Conhecimento. Aprendizado obtido através da prática ou da vivência: experiência de vida; experiência de trabalho (Dicionário Online, 2019). Se pensarmos neste sentido, a experiência pode ser compreendida como conhecimento, aprendizado, tanto quanto um texto. Mas a definição é mais ampla, também se refere a prova ou tentativa; a um teste feito de modo experimental. No entanto textos escritos, ainda que sigam padrões normativos (ABNT, Chicago), são sempre uma junção de palavras que tentam exprimir sentido de forma ainda experimental. Continuando a definição, encontramos experiência também como um modo de aprendizado obtido sistematicamente, sendo aprimorado com o passar do tempo. Sendo assim, podemos chamar treinamento de experiência.

Bené Fonteles, ao apresentar-se neste Simpósio, sentou-se à mesa para falar para diversas sofias. Percebeu-se que ele diz falar de muitos lugares e sobre muitos lugares, ter experimentado uma variedade imensa de formas de viver em comunidade, diversidades culturais, crenças e valores. São tantas experiências as quais seu corpo atravessou que, segundo ele, seu trabalho não tem lugar de fala pois fala de todos os lugares. Uma posição perigosa até mesmo para Sofia, este que Bené assume ocupar, pois não é possível a um homem, em uma vida tão curta a tudo experimentar, experienciar e ainda transformar em instalações/obras artísticas – ou como ele se refere pois se diz não-artista, mas xamã – em altares criados por entidades. Ou talvez, por serem entidades, isso seria possível? Sofia não tem amplitude de saberes para tal universo, temos talvez aqui um não-saber, tanto por ignorância, tanto como por desconhecimento científico.

Repensa então sobre o que seria a experiência em outras áreas. A filosofia

adota a experiência como conhecimento adquirido através da utilização dos sentidos. O que nos acontece. Então a experiência de vivenciar tal proposta enquanto forma de conhecimento adquirida pode ter valor agregado em si, tanto quanto um texto escrito. No entanto, o texto seria a maneira de exprimir esta experiência. Sendo assim, a narrativa contada oralmente sobre uma experiência possui o mesmo valor agregado do que o texto? Ou ainda, a narrativa sobre a experiência transformada em cena, em performatividade, possui menos ou mais valia do que o texto publicado?

Jorge Larrosa Bondia (2002) nos aponta literalmente as suas “Notas sobre a experiência e sobre o saber da experiência” onde faz-nos lembrar de que ela está sempre ligada ao sujeito que a viveu e que não se faz transferível enquanto vivência. Lembra que experiência não é informação, é conhecimento. Que é também diferente de experimento, essa forma como a ciência a formatou, como se fosse possível apropriar-se do mundo. Afirma ainda que se o experimento é genérico, a experiência é singular. Se a lógica do experimento produz acordo, consenso ou homogeneidade entre os sujeitos, a lógica da experiência produz diferença, heterogeneidade e pluralidade. (p.28)

Podemos pensar em como as metodologias quantitativa e qualitativa entendem os valores a serem tabulados em uma pesquisa. Para a quantitativa, o experimento - no momento de sua realização - é fechado, sem fissuras para outros entendimentos, resume-se a ele. Já a experiência seria o qualitativo, se reúne a toda bagagem anterior que o sujeito traz em si e se apega a novas possibilidades que aquele contato pode lhe oferecer. Pensando artisticamente, o artista é aquele que observa as fissuras para buscar pontos possíveis para a criação, como possibilidade de voz para aquele que experimentou, sem abandonar toda carga que traz em si, sua memória.

Em ARENDT (2019, p.223) podemos ver sobre a importância de quem fala, para que o discurso e a ação tenham sentido em si, pois “sem o desvelamento do agente no ato, a ação perde seu caráter específico e torna-se um feito como outro qualquer”. Como Sofia já imaginava, na figura daquelas mulheres de nomes distintos, que falam enquanto mulheres sobre outras mulheres - existe uma busca em torna-las plural, em fazer-se em si e em conjunto. Stela, por exemplo, relata performers mulheres que, em seu olhar, trabalham sua criação em uma busca de si mesma, como um processo decolonizador de si mesmo – ressaltar a diferença

que existe e que torna cada pessoa um ser singular. Algo que Krenak pede para que façamos ao olhar para seu povo, pois só assim os civilizados conseguirão vê-los enquanto próximos – busca da Alteridade.

Baseado no pensamento de ARENDT (2019) sobre as ações humanas e da pluralidade que o caracteriza, CENCI e CASAGRANDA (2018) falam sobre a negação do outro como incapacidade de se colocar no seu lugar, deixando latente a ausência de empatia. Se uma pessoa é incapaz de se conectar a outra, se jamais coloca-se em seu lugar e permite-se pensar, viver ou sentir como ela, não existe empatia. Se a empatia não existe, é inegável que a alteridade jamais ocorrerá. Pois, mesmo a ação depende da pluralidade dos seres, que são singulares (não existe duas pessoas iguais), mas necessitam da relação com o outro para existir. A ação, para Arendt, baseia-se na pluralidade e não é produzida no isolamento, mas na relação. Assim também se constitui o sujeito que exerce a ação, na relação com outro. A ação vem sempre repleta de discurso, isoladas elas não possuem a função proposta por esta autora, onde uma existe em função da outra. Para ela, ser livre e agir são sinônimos e para ser livre é necessário ser autônomo, agir de acordo com o discurso. O sujeito se revela por seus atos e palavras. Quando eliminamos a capacidade do sujeito de agir, retiramos dele a capacidade de um novo começo – o princípio de natalidade – que se expande para a sua existência. Temos aqui um exemplo de totalitarismo, a eliminação total do outro. O totalitarismo é o completo oposto de alteridade.

A alteridade se baseia então nessa capacidade de agir, capacidade essa que não pode prever nem mensurar seus resultados. Quando buscamos controlar esses resultados corremos o risco de incapacitar a nossa ação ou a ação do outro. O controle é uma forma de negação, tanto de si quanto do outro. Restringe o indivíduo a sua particularidade, não permitindo a pluralidade da realidade, que só se manifesta na interação aparente entre o eu e o outro, estabelecendo, assim, um mundo comum e plural. Sendo assim, a alteridade em Arendt, de forma bastante resumida para ser exposta aqui, seria a ação e o discurso, a liberdade de agir com o outro sem necessidade de controle, com suas singularidades, permitindo a pluralidade de ser humano e permitindo que o outro seja efetivamente outro. Por isso Sofia buscou dar o direito de fala nesta mesa para aqueles que foram calados, pois:



Ao agir e falar, os homens mostram quem são e revelam ativamente suas identidades pessoais únicas, e assim fazem seu aparecimento no mundo humano, enquanto suas identidades físicas aparecem, sem qualquer atividade própria, na conformação singular do corpo e no som singular da voz. (ARENDR, 2019, p.222)

Quando olhamos para a cena, para a performance apenas valorando-as enquanto atributo acadêmico, talvez vejamos apenas números que pontuam a feitura, a obra em si, não a experiência que nela existe e muito menos o ser singular que a criou através de seu discurso. Muito próximo do que Toshi Tanaka nos pede para observar enquanto demonstra sua atividade de escrita, como a que apresentou durante o Seminário, em uma tarde na Casa do Lago. Muitas vezes escreve apenas um ideograma, um kanji. Mas a essência que tanto ele carrega em seu ser ao escrever esse kanji, quanto ao que o kanji carrega em si e em mais outros tantos contextos, não podem ser simplesmente valorados em números, quantificados. Entramos então em um outro universo que casa com o momento histórico que também passamos no país, de quantificar em notas numéricas o valor de determinada invenção<sup>4</sup>.

Invenção. Ação de inventar, de criar algo de novo. Coisa inventada. Descoberta. Mentira para enganar. Retórica ação para achar argumentos, ideias e meios para convencer e persuadir (Dicionário Online, 2019). O que vislumbrava então Sofia ao convidar à mesa pessoas não aristocratas? Buscamos em outras fontes o significado da palavra invenção e suas definições estão relacionadas a algo novo, sempre em relação ao persuadir. Quando pesquisamos invenção enquanto conceito, encontramos a similaridade com criação, descoberta, desenvolvimento tecnológico. Ao tentar – online – nos aprofundar na ideia de criação enquanto desenvolvimento caímos em buscas sobre como patentear sua invenção e de empresas apoiadoras de patentes. Não pode então invenção ser uma criação de algo que seja apenas novo, sem necessariamente conter em si uma busca pela persuasão do outro? Algo que possa ser também e apenas contemplado? Para ser novo precisa ter dono, ter patente? Retomamos ao primeiro ponto: somente sentam à mesa os aristocratas ou aqueles que detêm as melhores patentes, os maiores títulos.

4 Relativo à Avaliação de desempenho proposta pelo MEC para produtividade acadêmica – lattes.

O que gostaria então Sofia neste Simpósio onde não tivemos aristocratas conversando? Houvera sim patentes, títulos de diversas naturezas, alguns deles inclusive não reconhecidos pela Academia – os saberes tradicionais. Seria isso uma tentativa de Sofia expandir a noção de sabedoria como conhecimento adquirido tanto pela ciência quanto pela arte, tanto pelo experimento quanto pela experiência? Neste contexto, a arte seria além de experiência também criação no sentido de desenvolver, descobrir algo novo a ponto de ser digno de patente?

A cena, enquanto encontro entre artista e público, se dá de forma efêmera. Cada encontro, ainda que minimamente calculado para ser espetáculo, gera fricções que são únicas e dele se desmonta e se remonta uma infinidade de entendimentos, sensações, sentimentos, desentendimentos... Toshi Tanaka diria a Sofia que para cada encontro é necessário permitir que o vento te atravesse. Anamaria Fernandes falaria sobre poder escutar o que os olhos podem ver. Já no espetáculo do Lume Teatro, dentre tantas lembranças daqueles que estavam em cena, tantas experiências compartilhadas, tantos atritos e fricções, o que eles trazem em cena ao público é uma possibilidade de reconstrução de um vaso que se quebrou e que pela arte, por essa fagulha de trocas, pôde ser recomposto. Re-criado.

Sofia, em sua busca por compreender tanto o contexto político, social e artístico naquele encontro, o simpósio, compôs mesas com títulos tão diversos, com saberes e não-saberes singulares e de forma a atualizar o que nem sempre se torna possível ser atualizado, ser destacado em nosso viver contemporâneo. E o que seria ser contemporâneo nesta atualidade? Stela nos fala que ser contemporâneo é cuidar daquilo que te compõe. E para sermos singulares – como propõe Hannah Arendt (2019) – precisamos assumir toda a escuridão e o horror que existe em nosso tempo. Ou ainda, como diz Giorgio Agamben :

(...) o contemporâneo é aquele que percebe o escuro do seu tempo como algo que lhe concerne e não cessa de interpelá-lo, algo que, mais do que toda luz, dirige-se direta e singularmente a ele. Contemporâneo é aquele que recebe em pleno rosto o fecho de trevas que provém de seu tempo (2009, p.64).

Agamben nos traz uma imagem incomum, pois estamos habituados, doutrinados a querer ver a luz que surge para nos salvar. Essa luz seria a imagem que salva, mas é também essa luz que reflete no ser que não quer viver o seu tempo, não quer viver aquilo de que somos compostos, luz e trevas. Quer esconder aquilo que não é agradável de se ver, de sentir. Não deixa o vento te atravessar para depois entender se será bom ou ruim. Não vê o vaso quebrado, sequer o escuta quebrar. Ser contemporâneo é se deixar permear por invenções, experimentá-las, registrá-las, memorizá-las. É se permitir viver o que se pode viver, o presente. Presente este que segundo AGAMBEN (2009, p.65), quando percebido pela contemporaneidade tem as vértebras quebradas. Não cronológico. Intempestivo.

Este simpósio foi construído por Sofia para as tantas sofias que, em seu contemporâneo, tentam mediar situações em zonas de conflito; que convidam à mesa aqueles que normalmente não poderiam ali sentar e que falam onde ninguém os quer ouvir e que dizem sobre as cenas que os olhos não querem ver. Repensar mitos contemporâneos é lidar com luz e trevas. É reviver memórias e experiências para talvez criar algo novo, uma invenção. É gritar em silêncio para aqueles que só enxergam, não ouvem. É lutar contra e a favor do que nos consome. Fica a pergunta que foi feita na palestra de abertura: Quando lutar e quando calar? - Ailton KRENAK (2019).

### Referências:

AGAMBEN, Giorgio. O que é o contemporâneo? e outros ensaios. Chapecó: Argos, 2019.

ARENDT, Hannah. A condição humana. 13. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2019.

BONDIA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. Revista Brasileira de Educação. Nº19 (p.20-28). 2002.

CENCI, A.V.; CASAGRANDA, E. A. Alteridade, ação e educação em Hannah Arendt. Cadernos de Pesquisa – Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo,

v.48 n. 167, p. 172-191, jan/mar. 2018.

Comitê Gestor do Programa de Formação Transversal em Saberes Tradicionais. Notório Saber para mestres e mestras dos saberes tradicionais é aprovado na UFMG. Blog de Grupo de Pesquisa. Disponível em: <http://www.saberestradicionais.org/notorio-saber-para-mestras-e-mestres-dos-saberes-tradicionais-e-aprovado-na-ufmg/> . Acesso em: 20 de Set. 2019.

Dicionário online de Português. Experiência. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/experiencia/> . Acesso em: 25 de Set. 2019.

Dicionário online de Português. Invenção. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/invencao/> . Acesso em: 26 de Set. 2019.

Dicionário online de Português. Simpósio. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/simposio/>. Acesso em: 20 de Set. 2019 .

FERNANDES, Anamaria. Workshop: Olhando sem olhos. Campinas, 2019.

FISCHER, Stela. Mesa: Memória. Campinas, 2019.

\_\_\_\_\_ Workshop: Ações Poéticas Decoloniais. Campinas, 2019.

KRENAK, Ailton. Palestra de abertura. Campinas, 2019.

QUIJANO, Anibal. Colonialidade do poder e classificação social. In: SANTOS, Boaventura S. e MENEZES, Maria Paula (orgs.). Epistemologias do Sul. São Paulo: Cortez, 2010, p. 84 -130.

RAGO, Margareth. Mesa: memória. Campinas, 2019.

TANAKA, Toshi. Mesa: Experiência. Campinas, 2019.

\_\_\_\_\_. Workshop: Fugaku. Campinas, 2019.

III Simpósio Repensando mitos contemporâneos. Disponível em: <https://repensandomitos.wixsite.com/simposio/programacao> . Acesso em 30 de Set. 2019.